

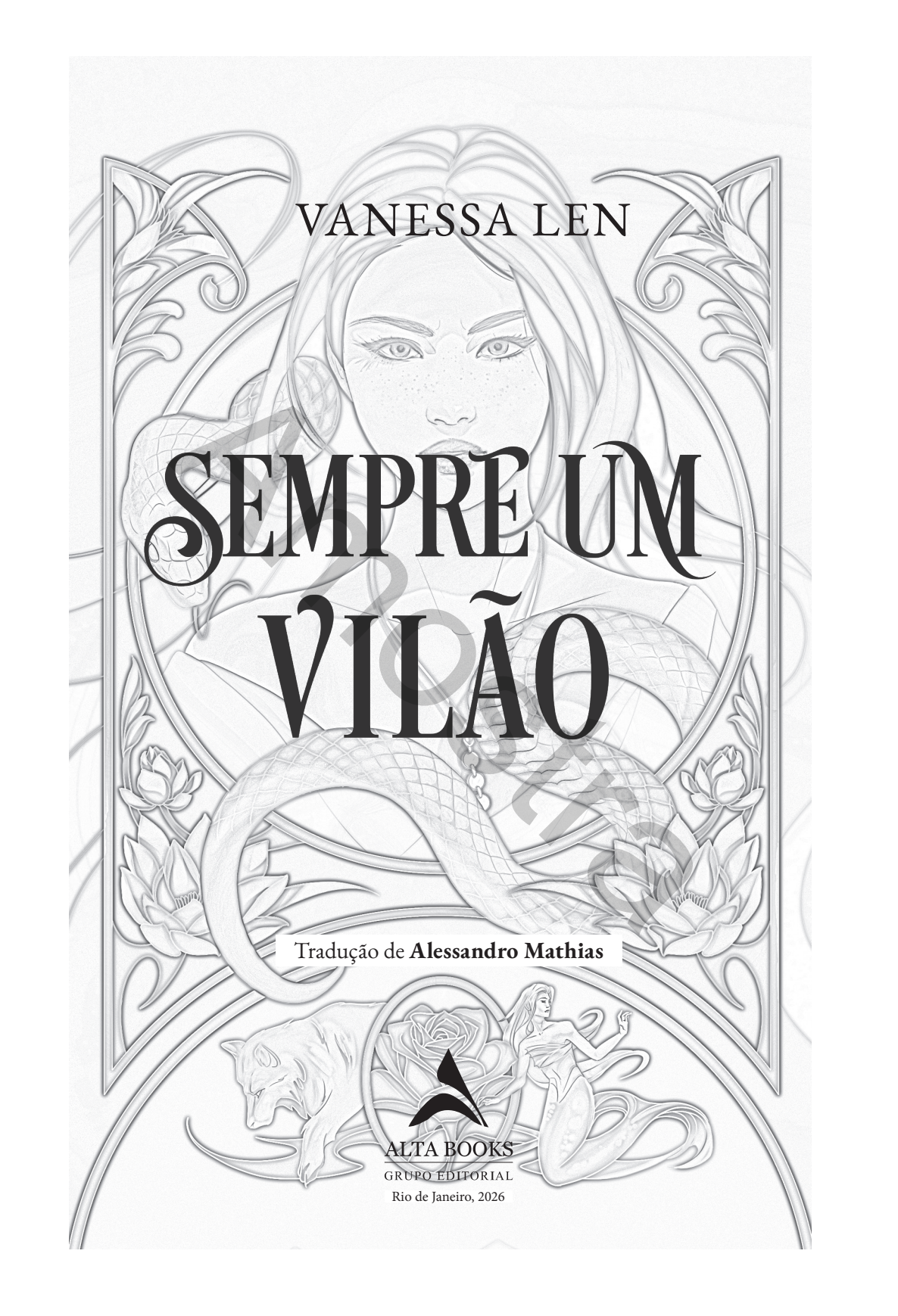
SEMPRE UM
VILÃO

Também de Vanessa Len

Apenas um Monstro

Jamais um Herói

Amostra



VANESSA LEN

SEMPRE UM VILÃO

Tradução de **Alessandro Mathias**



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2026

Sempre um Vilão

Copyright © 2026 ALTA NOVEL

ALTA NOVEL é um selo da EDITORA ALTA BOOKS do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2025 VANESSA LEN

ISBN: 978-85-508-2920-3

Translated from original Once a Villain. Copyright © 2025 by The Trustee for Vanessa Len Trust. ISBN 9780063024748. First published by HarperCollins Children's Books, a division of HarperCollins Publishers. Translation rights arranged by Adams Literary All rights reserved. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2026 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L565s
Len, Vanessa
Sempre um Vilão / Vanessa Len; tradução de Alesandro Mathias. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Alta Novel, 2026
360 p.; 15,7 x 23 cm.
Título original: Once a Villain.
ISBN 978-85-508-2920-3
1. Fantasia. 2. Ficção juvenil. 3. Monstros – ficção. 4. Viagem no tempo – ficção. I. Mathias, Alessandro. II. Título.
CDD 823.92

Índice para catálogo sistemático:

1. Fantasia: Ficção juvenil 823.92

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books
Diretor Editorial: Anderson Vieira
Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs
Coordenadora Editorial: Illysabelle Trajano

Produtora Editorial: Beatriz de Assis
Tradução: Alessandro Mathias
Copidesque: Luíza Thomaz
Revisão: Eveline Machado



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvdoria: ouvdoria@altabooks.com.br



Editora
afiliada à:



*Para minha mãe, de quem sinto falta todos os dias.
Se ao menos eu pudesse mudar a linha do tempo...*

Amostra



UM



— Precisamos sair daqui — disse Joan. Estavam todos espremidos em um beco sem saída, mas não podiam permanecer ali. Um guarda patrulhava a margem do rio, com um broche dourado distinguindo-o das pessoas dispersas no caminho. — Tem um guarda...

— Eu vi — disse Nick, sombrio.

— São *dois*. — Aaron indicou uma mulher miúda mais adiante no barranco, com um brilho dourado na gola de sua camisa. Joan sequer a tinha notado.

Um vento frio soprou sobre o rio, atravessando o vestido de gaze de Joan. Ela queria ainda ter seu casaco, mas precisara se livrar dele na noite anterior, e não havia como recuperá-lo agora. Cruzou os braços enquanto examinava os guardas e o horizonte desconhecido. Para onde poderiam ir?

Do outro lado do Tâmis, torres de vidro refletiam o céu trovejante. Uma imagem colorida cintilava em uma delas: uma serpente marinha engolindo um navio à vela. Agora os brasões dos monstros estavam por toda parte: leões alados e serpentes estampados em prédios, tremulando em bandeiras. Um lembrete de que o mundo já não pertencia mais aos humanos.

Agora quem reinava eram os monstros.

Joan se voltou para Jamie:

— Acha que sua família ajudaria a gente? — Os Liu se lembrariam da linha do tempo anterior. Certamente os acolheriam.

O vento ergueu os fios lisos do cabelo preto de Jamie. Ele parecia perdido em seus pensamentos desde o desaparecimento de Tom, mas agora parecia se esforçar para manter o foco.

— O território dos Liu fica logo do outro lado do rio. Se conseguirmos chegar lá...

O restante das palavras se perdeu no ribombar próximo de um motor. Joan e os outros recuaram instintivamente para as sombras quando um barco negro como um carro fúnebre surgiu sob a Ponte de Londres, avançando no ritmo lento e ameaçador de uma patrulha. O leão dourado da Corte Monstro se destacava em sua lateral, dentes e garras prontos para o ataque.

A prima de Joan, Ruth, praguejou em voz baixa:

— Bem, não podemos ficar aqui.

Ao lado de Joan, Nick se mexeu, um músculo repuxando em sua mandíbula. Joan sabia o que ele estava pensando. Na última vez que buscaram refúgio com os Liu, Nick fora contido, e sua mente, controlada. Joan quase esperava que ele discutisse agora, mas, depois de um instante, apenas assentiu.

— Vamos — disse ele.

Eles se misturaram à pequena multidão, tentando se camuflar, tentando não parecer os fugitivos que eram. Joan sabia que deveria manter a cabeça baixa, mas não resistiu a lançar outro olhar através do rio. Essa nova Londres era uma criatura estranha. Fumaça escura subia das chaminés e se assentava no céu como um manto sombrio. Marcos familiares haviam desaparecido — a Tower Bridge, a cúpula da St. Paul. Em seu lugar, erguia-se uma nova linha do horizonte de espinhos góticos e picos de vidro.

Algumas centenas de passos a oeste, a Ponte de Londres se estendia sobre o rio. Não a ponte de concreto prática que Joan conhecia, mas a que Eleanor devia ter arrastado até ali — a Velha Ponte de Londres, com suas casas e lojas pitorescas e estranhas, como uma minúscula vila shakespeariana sobre o Tâmesa.

Ali, no calçadão, um homem passou em uma túnica romana, seguido de uma mulher em um vestido medieval, o pesado veludo varrendo o chão. Estava claro que os monstros já não tinham medo de ser descobertos.

Joan engoliu em seco. Tudo aquilo estava errado. *Errado*. Esse mundo não deveria existir. Sua irmã, Eleanor, havia tomado o controle da linha do tempo, remodelando-a em uma onde os monstros reinavam. Ela usara Joan e Nick para conseguir isso. Colocara uma arma na cabeça de Joan e dera a Nick uma escolha: Joan ou o mundo.

Joan sabia o que Nick faria. Tinha tanta certeza. Nick fora um matador lendário de monstros: o herói humano que matava predadores. Diante da escolha entre condenar a humanidade e salvar Joan, ele só poderia fazer uma coisa. Joan fechara os olhos, esperando a morte.

Mas Nick escolhera Joan.

Agora Joan tentava, sem sucesso, captar o olhar dele. Ele estava do outro lado do caminho, andando com Jamie e Ruth, uma mecha escura de cabelo escondendo sua expressão. Joan tinha a sensação de que ele a evitava. Não o culpava. Ele devia estar se arrependendo da decisão, agora que tinha visto tudo aquilo.

— Ei — murmurou Aaron, acompanhando o passo dela.

Joan tentou sorrir para ele.

— Fico esperando ser presa a qualquer momento. Ou coisa pior.

Aaron fingiu alongar o pescoço para verificar os guardas.

— Eles ainda estão só patrulhando — tranquilizou-a. — Não sabem que estamos aqui.

Joan assentiu. Uma parte dela mal acreditava que Aaron estava ali. Por meses, guardara consigo a lembrança dele, em silêncio. Na privacidade da própria mente, evocara aquela voz aristocrática que a fazia pensar em palacetes espaçosos e internato, sem jamais acreditar que voltaria a ouvi-la. Não queria que ele estivesse em perigo assim — fugindo com ela outra vez. Porém, uma parte de si estava terrivelmente, egoisticamente feliz de tê-lo de volta.

Aaron passou uma mão cansada pelo cabelo dourado. Às vezes, era difícil ver além de sua beleza de outro mundo, mas Joan o conhecia bem o bastante para notar as olheiras, o tom acinzentado da pele. Quando fora a última vez que ele dormira? Quando qualquer um deles dormira?

— Você está bem? — perguntou Aaron.

Joan estava prestes a perguntar o mesmo.

— E você?

— Ah, claro. Adoro o que sua irmã fez com o lugar.

A respiração de Joan escapou num riso curto, surpreendendo-a.

— É como se o Drácula tivesse construído uma cidade. Só nuvens escuras e espinhos. — Ao falar, ouviu passos que se aproximavam. Engoliu em seco e ajeitou o cabelo, mantendo o pescoço coberto.

Sob os pés, as pedras do calçamento eram cinza-tempestade. Os passos de Aaron soavam ritmados e regulares sobre elas. Um batimento constante. Joan tentou se concentrar nisso enquanto caminhava, e não na sensação rastejante em sua nuca.

Já estivera entre monstros antes, claro; era *meio monstro* ela mesma. Aaron, Ruth e Jamie eram monstros. Mas... assim que acordara nesse novo mundo, uma parte animal dentro de si percebeu a mudança, quase pôde sentir um cheiro almiscarado no vento, sob a fumaça e o sal do rio na cidade. Seu corpo soubera instintiva e imediatamente que ela já não estava no topo da cadeia alimentar.

Do outro lado do caminho, a postura de Nick parecia casual, mas era apenas aparência. Ele também sentia. Quando um homem de peruca de juiz esbarrou nele, os olhos de Nick se voltaram para as mãos do sujeito, acompanhando-o até que saísse de alcance.

Joan cedeu ao arrepio na nuca e olhou por sobre o ombro. O guarda de manto negro se aproximava. Ela apressou o passo, cruzando o olhar com Ruth ao fazê-lo. Ruth assentiu, murmurando algo para Nick e Jamie.

Já estavam quase na ponte. À frente, uma íngreme escadaria de pedra levava ao limite sul, marcado por uma construção maciça — que podia ser chamada de castelo — que parecia projetar uma sombra sobre toda a cidade.

— O Portão de Pedra — disse Aaron.

Espigões se projetavam das ameias e dos merlões que coroavam o portão: esferas escuras em hastes finas, balançando ao vento. — O que são aquelas coisas? — Joan se perguntou em voz alta. Cata-ventos? Mas havia tantos...

Aaron prendeu a respiração.

— Sua irmã é realmente terrível.

— O quê?

— Não se preocupe. Não olhe para elas.

— Parecem vegetais podres — disse Joan. — Como... — Ela parou. A brisa trouxera um leve cheiro de decomposição.

O sr. Larch, professor de História, certa vez falara sobre a Velha Ponte de Londres: *“era comum expor cabeças de traidores em estacas, mergulhadas em piche para retardar a decomposição.”*

— Joan — disse Aaron, baixinho. — Não fique encarando, não num lugar como este. Vai levantar suspeitas. As pessoas vão achar que você conhece alguém nas ameias.

Joan desviou o olhar de volta para ele, sentindo-se enjoada e terrivelmente ingênua. Nem sequer percebera que havia pessoas lá em cima, muito menos que, ao encará-las, estava colocando a si mesma e aos outros em perigo.

Os olhos cinzentos de Aaron estavam da mesma cor das nuvens tempestuosas acima. Ele já vira cenas assim antes, ela percebeu. Talvez na Idade Média, ou no Renascimento, períodos em que cabeças de traidores numa ponte não eram mais dignas de nota do que barcos no Tâmesa.

Joan nunca estivera tão consciente de sua criação protegida. Nascera e crescera na segurança de Milton Keynes e Londres do século XXI. Nunca vira um homem enforcado ou um corpo exposto como aviso. Jamais imaginara que Londres poderia ser transformada *naquilo*, suas antigas crueldades ressuscitadas.

Ela olhou de novo para a margem norte, para os brasões de monstros livremente exibidos. Em um mundo em que monstros dominavam os humanos, que novas crueldades teriam surgido?

— Vamos logo pra ponte — disse ela. Quanto mais rápido chegassem à margem norte, ao território dos Liu, mais rápido estariam seguros. E então poderiam descobrir como consertar tudo aquilo.



— Mas que *inferno* medieval é esse? — perguntou Ruth enquanto todos subiam apressados a escadaria de pedra rumo à ponte. — Essa cidade inteira tem uma energia péssima.

A voz dela foi quase engolida pelo rugido da água. A escadaria os levava até os suportes de madeira da ponte, pilares enormes que revolviam o rio em corredeiras. Eleanor certa vez descrevera esse barulho como o de cem cachoeiras. Para Joan, porém, parecia mais o oceano: água batendo contra rochas e penhascos.

Acima deles, na ponte, uma faixa dourada e azul-pavão saudava os viajantes: ELEANOR, *SEMPER REGINA*! CELEBREM SEU JUBILEU!

— *Semper Regina*? — disse Nick, secamente. — Como se tem jubileu se é *sempre* rainha?

— Ouvi alguém comentando sobre isso no calçadão — comentou Ruth. — Ela obriga os súditos a celebrar seu reinado a cada cinquenta anos. Festas imensas. — E para Joan: — Sem ofensa, mas sua irmã é uma narcisista completa.

Eleanor não é minha irmã, Joan quis dizer. Porque nenhuma irmã sua teria torturado e assassinado pessoas que ela amava. Nenhuma irmã sua teria criado uma linha do tempo em que humanos sofriam sob o domínio de monstros.

— Podemos opinar de forma mais discreta sobre a rainha deste lugar amaldiçoado? — sibilou Aaron. — A última coisa que quero é que minha cabeça vá parar na estaca!

— Duvido que alguém consiga nos ouvir com esse estrondo todo — disse Jamie. — Além disso, somos os únicos na escadaria.

Joan olhou para baixo. O calçadão estava cheio de gente, mas Jamie tinha razão. Ninguém os havia seguido. Podiam falar abertamente por um momento. — Precisamos ter uma estratégia caso sejamos pegos — disse ela depressa. — Se formos capturados...

— Não vamos ser capturados — insistiu Aaron.

— Mas se formos, nós somos as únicas pessoas neste mundo que sabem que Eleanor mudou a linha do tempo. Os Liu saberão que havia algo melhor antes disso,

mas só terão fragmentos. Precisamos garantir que pelo menos um de nós chegue em segurança.

— Vamos conseguir atravessar — insistiu Aaron.

Ele acreditava mesmo nisso ou só queria acreditar?

— Aaron, se os guardas nos virem...

— Eles não verão — disse Aaron. — Vamos manter a cabeça baixa e seguir com a multidão. Os guardas lá em cima estarão ocupados demais orientando o tráfego para se incomodarem com pedestres.

— Talvez eu tenha sido um pouco otimista — acrescentou Aaron quando chegaram ao topo.

— *Talvez tenha sido?* — perguntou Nick, em tom neutro, o cabelo e as roupas chicoteando ao vento.

A ponte fervilhava de guardas, patrulhando de um lado a outro, revistando pedestres e carros. Diferente dos da margem, estes usavam uniforme: casacos vermelhos e calças cinza-carvão. Leões alados da Corte estavam bordados em dourado nas mangas.

Mais adiante, depois do castelo-guarita com suas cabeças decepadas, a cena se tornava surreal: lojas e casas charmosas alinhadas em terraços agrupados, interrompidas por prédios que haviam sido cravados no meio da rua, com os andares mais baixos abertos para permitir a passagem do tráfego.

— Parece que a *Lagarta Comilona* fez um túnel — disse Nick.

— A o quê? — perguntou Aaron, distraído.

Joan abriu a boca para explicar, mas apenas balançou a cabeça. Aaron não tinha muitas referências culturais depois da era vitoriana.

— Não podemos atravessar aqui — disse ela. — Há guardas demais.

— Não podemos descer de volta! — argumentou Ruth. — Alguém vai nos ver. Achariam suspeito.

— Não há garantia de que outro caminho seja mais seguro — disse Jamie. — *Olhem*. — Ele indicou o rio com um aceno. — A Ponte de Southwark desapareceu, a Ponte do Milênio também. Pelo menos esta rota está movimentada.

— Eleanor está controlando as passagens — percebeu Joan. Ela também havia eliminado a Tower Bridge.

— Não podemos ficar parados aqui — disse Ruth, impaciente. — Não podemos parecer suspeitos. Vamos.

Ela agarrou o braço de Joan, puxando-a para a corrente de gente que seguia rumo ao norte, e os outros a acompanharam.

Enquanto caminhavam, os sons da multidão se misturavam ao rugido da água e ao grasnar de gaivotas e pombos. A atmosfera era estranha. *Energia ruim*, como Ruth dissera. Joan podia sentir. Os londrinos costumavam estar atentos ao redor, mas as pessoas desta linha do tempo pareciam diferentes. Observavam umas às outras com olhos duros, como se qualquer um pudesse ser perigoso.

Joan girou os ombros, tentando aliviar a tensão. Gotas grossas de chuva começavam a cair. Respirou fundo o cheiro de madeira e pedra molhadas, e lançou um olhar a Jamie.

— Tudo bem? — sussurrou ela. Jamie odiava umidade.

Ele piscou como se nem tivesse notado o clima. Na verdade, isso preocupava Joan ainda mais. Jamie mal falara desde que haviam chegado ali sem seu marido, Tom. Nos momentos finais, Joan usara seu poder para proteger a todos das mudanças de Eleanor na linha do tempo. Mas Tom ainda estava avançando contra Eleanor, tentando detê-la. Quando as mudanças ocorreram, ele estava fora da proteção de Joan.

Ela diminuiu o passo até se alinhar com Jamie.

— Nós vamos encontrá-lo — sussurrou.

Jamie olhou para o chão por um instante, os longos cílios se abaixando. Para alívio de Joan, ele a encarou de novo ao erguer os olhos.

— Ele é um sobrevivente — concordou. — Tem de estar em algum lugar.

— No rio ou nos canais — disse Joan.

Os Liu saberiam onde encontrá-lo, pois eles e os Hathaway eram aliados. Com certeza saberiam onde ele estava.

Jamie ergueu discretamente a aba do casaco para olhar sua buldogue toy, Frankie, como se quisesse se certificar de que ela, pelo menos, ainda estava ali. Tinha-a aconchegado bem, o nariz achatado fungando contra sua camisa.

Jamie abriu a boca para falar outra vez, mas franziu o cenho quando algo chamou sua atenção.

Joan seguiu seu olhar. A multidão rareava mais adiante, abrindo espaço em torno de uma escultura estranha no calçamento, a uns cinquenta passos. Era uma gaiola de bronze do tamanho de um barril de cerveja, e um selo real fora soldado na lateral: a cabeça de um leão corado, rosnando, sob um fundo de penas de pavão em leque e rosas. A gaiola fazia parte de um conjunto de três. *Seria arte pública?* Talvez fossem assentos.

Exceto que... uma sombra estranha se movia dentro da primeira gaiola.

Joan olhou mais de perto, tentando compreender. E então prendeu a respiração.

Havia uma *pessoa* naquela gaiola; ele fora forçado a se encolher em posição fetal, joelhos contra o peito, costas dolorosamente curvadas. E agora Joan percebia que as outras gaiolas também continham pessoas. Abriu a boca e a fechou. Quase podia ouvir

a voz de Aaron em sua cabeça: “*Não fique encarando.*” Mas era como se seu cérebro não conseguisse processar a ideia. Havia homens em gaiolas em uma rua de Londres. Uma onda de horror a invadiu, pior do que quando vira as cabeças nas estacas.

Adiante, uma mulher parou em frente à primeira gaiola, sua cesta de rosas vermelhas quase tombando. Por um instante, Joan pensou que fosse sussurrar algo reconfortante ao homem ali dentro, mas, em vez disso, ela cuspiu nele, acertando seu rosto. Ele estremeceu, e Joan também, involuntariamente. O coração dela disparou.

A respiração de Nick falhou. Ele também tinha visto.

— Continuem andando — rosnou Aaron.

— Aqueles homens são humanos? — perguntou Nick, e o estômago de Joan se revirou com a ideia.

— Vai perder o controle se forem? — perguntou Aaron a ele.

— São? — insistiu Nick.

— Não estou perto o bastante para ver.

Aquilo soara como uma recusa, mas, ao passarem pela primeira gaiola, Aaron bateu com dois nós de dedos elegantes nas grades superiores, fazendo o prisioneiro erguer o olhar, assustado; pensou que Aaron fosse machucá-lo.

O estômago de Joan se revirou. O homem já estava sofrendo — ela podia ouvir seus suspiros curtos e doloridos — e a gaiola era pequena demais para ele. A própria gaiola era obscenamente bela para um propósito tão terrível, o latão polido, o selo real trabalhado com tanto primor que a pelagem do leão, as penas de pavão e as rosas pareciam reais. Uma pequena placa dourada no topo dizia *Damnatio ad bestias*. A seguinte dizia *Damnatio ad gladium*.

As palavras eram familiares: Joan já as ouvira antes, talvez numa aula de História. Mas o que significavam?

Aaron esperou até alcançarem um espaço vazio da ponte, uma brecha entre os prédios, com o rio espumando abaixo.

— Sim — falou. — São humanos, todos os três.

Nick parou, as pupilas dilatadas. Sua expressão estava tão perigosa que Joan teve certeza de que ele voltaria para arrombar aquelas gaiolas. Ela sentia o mesmo. Queria voltar e libertar aqueles homens. Não podiam simplesmente deixá-los.

Aaron se interpôs diante de Nick.

— Você não pode ajudá-los. Entende isso, não entende?

— Saia da minha frente — rosnou Nick. Seu físico musculoso fazia Aaron parecer mais franzino e jovem do que era.

Joan viu vultos vermelhos pelo canto do olho.

— Dois casacos vermelhos vindo para cá — sussurrou.

As mãos de Aaron se fecharam ao lado do corpo. Ele temia os guardas, mas Nick também causava medo, pois já fora uma figura bem mais aterrorizante que qualquer guarda.

— Precisamos continuar andando — sussurrou Aaron.

Nick voltou o olhar para os guardas, com a mandíbula rígida. Mas Aaron tinha razão, e ele sabia disso. Caso se deixassem ser mortos, seria o fim. Não haveria ninguém para consertar a linha do tempo, e *tinham* de consertá-la. Ele fechou os olhos e, por um instante, Joan pôde ler tudo em seu rosto. *Eu fiz isso. Aqueles homens estão enjaulados por minha causa.* Então ele assentiu com firmeza e se obrigou a andar outra vez.

Passaram pelo vão de um prédio atravessado na rua e emergiram diante de um imenso arco de pedra que marcava a extremidade norte da ponte. E... o coração de Joan afundou. Bloqueios haviam sido montados, como postos de controle em um aeroporto.

Havia cinco filas, com guardas revistando bolsas e os selos que os monstros usavam como identificação. *Droga.* Nem ela, nem Nick tinham selos. E Aaron, Ruth e Jamie seriam descobertos se usassem os *deles*. Joan diminuiu o passo quando se aproximaram das filas, observando os guardas e tentando decidir o que fazer.

— O último guarda à esquerda não verifica com tanta frequência — murmurou. — Talvez um em cada dez.

— Somos cinco — sussurrou Ruth em resposta.

Joan também não gostava das probabilidades.

— Talvez devêssemos voltar. — Mas, ao dizer isso, uma mulher se afastou de uma das filas do meio, seguindo de volta para o sul. Um guarda correu atrás dela, gritando por sua identidade. Eles estavam atentos.

— Fila da esquerda, então — disse Ruth.

Joan ficou atrás de uma mulher de cabelos castanho-claros, cortados de forma brutalmente reta. Os outros se alinharam atrás dela.

— Vamos andando! — bradou o guarda do bloqueio à frente. A voz era estrondosa, uma voz de ator. Combinava com a barba e o bigode pretos e espessos. — Todos queremos jantar!

Havia umas quinze pessoas entre Joan e o guarda. Já estava perto o suficiente para ver os detalhes do uniforme dele. O pesado casaco de lã estava manchado de chuva, mas os botões de latão brilhavam, polidos. O leão alado da Corte Monstro estava bordado na manga esquerda em fio dourado.

A fila avançou, e Joan e os outros avançaram junto. Ao redor, pessoas reviravam bolsas e bolsos, pegando seus selos.

O território dos Liu estava tentadoramente próximo, logo além do bloqueio. Joan nunca quisera tanto chegar a uma rua comum com prédios de escritório sem graça.

A mulher à frente de Joan sorriu para ela.

— Eu não ficaria tão preocupada, meu bem. Essas revistas são apenas precaução. As pessoas sempre dizem que avistaram rebeldes, mas nunca é verdade. Sempre é alarme falso. — Ela abriu o sorriso, mostrando os dentes, como se tivesse feito uma piada.

A mulher carregava uma cesta de rosas, e Joan a reconheceu de repente. Era a mesma que cuspira no homem enjaulado. No pulso, usava uma pulseira de prata com um pingente grande: um grifo. Pertencia à família Griffith, com o poder de induzir verdades. Joan sentiu o corpo inteiro se retesar ainda mais.

— Eles só se preocupam com identidades ao pôr do sol — disse a mulher, como se Joan tivesse perguntado. — Nesta hora do dia, é só para cumprir cota. Os guardas querem pegar alguns humanos fora do toque de recolher.

Os pelos da nuca de Joan se eriçaram.

— *Toque de recolher?* — ela deixou escapar. Mal dissera, já desejava não ter dito. Sentiu, mais do que ouviu, Nick mudar o peso entre os pés atrás dela.

A mulher interpretou mal a expressão de Joan.

— Eu sei que ainda não é exatamente pôr do sol — falou. — Mas já está perto. Sempre digo que os humanos deveriam ser mantidos sob rédea curta.

As rosas da mulher tinham um perfume enjoativo e doce, como se tivessem sido borrifadas com essência. Joan podia senti-lo como bile no fundo da garganta.

— Pode passar! — disse o guarda, fazendo a mulher se virar. — Próxima!

E então, finalmente, chegou a vez de Joan. O guarda a chamou com um gesto, as luvas brancas brilhando. Joan prendeu a respiração, desejando que ele simplesmente os deixasse passar. Que não conferisse suas identidades. Mas, ao se aproximar, ele inclinou a cabeça, franzindo o cenho.

Joan engoliu seco. Esquecera de manter os olhos baixos. Seria ele um Oliver como Aaron? Seria capaz de diferenciar monstros de humanos apenas olhando? Quando já se preparava para correr, o guarda ergueu a voz, gritando:

— Parem aquele homem!

Houve um alvoroço atrás deles. Joan se virou a tempo de ver um homem ruivo correndo para o sul, talvez tentando passar pelo prédio atravessado e saltar da ponte. Joan estremeceu; se esse fosse o plano, era um plano de morte. Ninguém sobreviveria àquele salto. A Velha Ponte de Londres não se parecia em nada com as pontes da Londres dela. Abaixo, a água fervia em corredeiras violentas.

Os casacos vermelhos, porém, o cercaram, e em segundos ele foi capturado. Mal conseguira correr vinte passos.

— Ainda não é pôr do sol! — gritou o homem, desesperado. — Não estou quebrando o toque de recolher! Eu... — A palavra foi cortada por um soco no estômago. Ele arquejou.

— Joan! — sussurrou Ruth, aflita.

A multidão avançou, empurrando Joan. À frente, o guarda acenava para que ela passasse, impaciente.

— Venha! — ordenou, as luvas brancas reluzindo.

Ao fundo, punhos e botas socavam carne. Joan forçou a atenção de volta para a estrada, obrigou-se a andar.

Depois de um segundo relutante, ouviu Nick atrás dela.

“*Parada!*”, ela imaginou o guarda gritando. “*Mostre sua identidade!*” Em vez disso, ele disse, com impaciência:

— Sigam andando, sigam andando! Não atrasem a fila! Continuem andando!

Joan só voltou a respirar quando já estavam além do arco. Quando avançaram pela rua e viraram a esquina, fora do alcance da ponte. Então inspirou com um estremecimento, o horror dos últimos minutos a alcançando.

Ruth se curvou, como se tivesse acabado de correr uma maratona.

— Meu cabelo está grisalho agora, não é? Envelheci nos últimos dois minutos.

Joan afastou um cacho escuro do rosto da prima, tentando ignorar o tremor da própria mão.

— Sim, completamente grisalho.

Não acreditava que ainda estivessem vivos. Que realmente tivessem conseguido alcançar território seguro.

Se é que algum lugar no mundo ainda pudesse ser chamado de seguro.

Tinham parado em uma rua lúgubre de prédios altos em um estilo que não parecia exatamente vitoriano para Joan: terraços estreitos de tijolos cinza-carvão, com janelas pequenas de aspecto prisional. A casa dos Liu tinha de estar por ali, só precisavam encontrá-la.

— Acho que temos um problema — disse Jamie. Havia algo estranho em sua voz.

— Um problema? — Joan seguiu o olhar dele até um disco de bronze aparentemente comum incrustado no calçamento. Estava gravado com uma árvore estéril, sem folhas, ressecada. — É um ulmeiro queimado — disse devagar. — O brasão dos Argent.

Adiante, ela avistou outro disco, a uns cinco passos. E mais outro, e outro, até o fim da rua.

— Achei que aqui fosse território dos Liu.

— Deveria ser — respondeu Jamie, apreensivo. — Acho que os territórios mudaram...

Joan viu então a mesma percepção despontar no rosto de todos.

Eles já não conheciam mais aquela cidade.

— Novo mundo. Novas regras — murmurou Aaron.

Um raio do sol poente riscou as janelas acima. O sol estava se pondo. Joan imaginou guardas rondando as ruas, caçando humanos após o toque de recolher, e um fio de gelo deslizou por sua espinha.

Precisariam aprender *rápido* as novas regras se quisessem sobreviver.

Amostra



DOIS



Sob o céu tempestuoso, os prédios pareciam fúnebres. A única cor verdadeira vinha das rosas vermelhas plantadas em vasos empoeirados nos parapeitos das janelas.

Na ponte, as pessoas vestiam trajes de quase todas as épocas. Ali, porém, as roupas eram sombrias. Exceto por um ou outro traje georgiano ou túnica romana, a maioria usava lã cinzenta ou preta, combinada a um tecido leve e translúcido que Joan não reconhecia.

Se não tivesse acabado de subir do Tâmbisa, ela estaria perdida. Nada ali lhe era familiar, nem a arquitetura, nem as placas de rua com brasões dos Argent.

Aaron recuou para debaixo da estreita cobertura de um beiral e fez uma careta ao ver o quão úmido estava seu terno.

— Precisamos encontrar uma estalagem.

— Minha família vai nos ajudar — disse Jamie. — Só precisamos achá-los.

— Podemos procurar amanhã — sugeriu Aaron. — Agora, *temos* que sair das ruas. Vai escurecer logo.

Ele não precisou dizer o resto. Joan e Nick já estavam quebrando aquele estúpido toque de recolher.



Não estava particularmente frio, mas o céu logo se abriu em uma chuva torrencial. Nick caminhava em silêncio, mãos nos bolsos, o cabelo escuro colado à cabeça, a camisa grudada no peito. Não dissera quase nada desde que deixaram aqueles homens

na ponte. Joan sabia que ele se culpava pelo que estava acontecendo com eles. Por ter escolhido criar aquele mundo em vez de deixá-la morrer.

Ela tentou prender o olhar dele, mas seus olhos permaneciam fixos no chão. Abraçou o próprio corpo, e a distância entre os dois começou a lhe parecer uma coisa física, um aperto no peito do qual não conseguia se livrar.

A chuva esvaziara as ruas. De vez em quando, alguém passava apressado, protegendo a cabeça com o casaco ou uma bolsa. Mas, na maior parte do tempo, não havia ninguém.

— O que será que acontece com humanos pegos depois do toque de recolher? — perguntou Joan.

Os outros apenas piscaram para ela, e Joan percebeu que era a primeira coisa que alguém dizia em um bom tempo.

— Porque, na ponte, pareceu que aquele homem estava disposto a morrer em vez de ser capturado — continuou. O horror daquela ponte a atingiu de novo. — Eleanor colocou aquelas cabeças nas ameias. Ela...

Jamie a interrompeu.

— Eu vi a cabeça de Guy Fawkes exposta uma vez. Em 1606.

— O quê? — perguntou Joan, atônita.

— Ano da peste — disse Ruth, em tom tenso. Ela olhava para baixo, como se inspecionasse os próprios sapatos, mas Joan teve a impressão de que sua atenção estava em outra coisa.

No canto da visão de Joan, surgiu um uniforme vermelho. Um guarda, a poucos passos de distância. O medo percorreu seu corpo. Teria ouvido algo comprometedor? Talvez não, a chuva ainda rugia em volta.

— Foi um salto errado — disse Jamie a Ruth, tentando soar casual. — Um dos meus primeiros encontros com Tom... — Sua voz vacilou. — A gente... a gente tinha mirado em 1597. Queríamos ver *Sonho de uma Noite de Verão* no Globe.

O guarda continuou andando, até que o uniforme foi engolido pela chuva.

— Ele está fora do alcance da voz — disse Joan.

Jamie desabou, aliviado.

— É por isso que nunca vou a peças originais de Shakespeare — resmungou Aaron. — Um salto errado e você acaba coberto de caroços negros, tentando se explicar para o NHS.

— *Esse é o problema, é?* — murmurou Nick.

Aaron piscou para ele como se só então tivesse percebido que estavam falando de gastar vidas humanas.

— Mais um por pouco — murmurou Ruth. — Precisamos sair das ruas. Nossa sorte não vai durar.

Joan assentiu, mas pela primeira vez se perguntou se *era* mesmo apenas sorte. Certamente, se Eleanor tivesse espalhado suas descrições, os guardas já os teriam parado. Eram um grupo distinto. Mas... e se Eleanor *não* soubesse que haviam escapado? E se ela não tivesse posto guardas para procurá-los?

Joan lembrou os últimos momentos da batalha. Enquanto o mundo se transformava ao redor deles, o poder de Eleanor golpeava o escudo de Joan e, nos instantes finais, aquele escudo rachara. Talvez Eleanor acreditasse que ele havia falhado por completo.

Ao virarem a esquina, Joan foi arrancada dos pensamentos. O sapato liso demais dos anos 1920 escorregou na borda molhada de um disco dos Argent. Ela deslizou, mas não caiu, pois a mão de Aaron se fechara em seu cotovelo.

— Valeu — disse, um tanto mortificada, o coração disparado.

Podia apostar que Aaron jamais havia caído na vida. Era quase sobrenaturalmente impecável. Até a chuva apenas servira para estilizar sua aparência de modo artístico; ele podia ter saído direto dali para um ensaio fotográfico da *Vogue*. Joan afastou os próprios cabelos grudados no rosto. Suspeitava que parecia mais um gato molhado.

Ao menos a chuva estava finalmente diminuindo. Ou talvez Joan já tivesse se acostumado, porque todos os outros ainda caminhavam encolhidos. Ela ergueu o rosto; mal conseguia sentir as gotas caindo. Também não sentia o vento rodopiando sob a saia.

A percepção a atingiu como um soco. Seus sentidos estavam embotando; ela estava entrando em um lapso de distanciamento. Respirou fundo, tentando não entrar em pânico. Não podia parar ali. As pessoas notariam se estivessem parados sem motivo. “*Concentre-se*”, disse a si mesma. Cerrando os punhos com força, como Aaron a ensinara, fixou-se na dor das próprias unhas.

Aaron franziu o cenho, como se tivesse visto algo em sua expressão, e Joan percebeu que ele ainda a segurava.

— Está tudo bem? — perguntou.

Quase sem perceber, Joan se concentrou nele — no calor do toque, na pressão dos dedos contra sua pele nua. E, à medida que fazia isso, a chuva voltou a cair de verdade. Ela soltou o ar, profundamente aliviada. O lapso havia terminado.

— Sim — disse. — Só perdi o equilíbrio.

Ela tinha a situação sob controle. Estava bem.

Aaron lançou-lhe um olhar demorado antes de soltá-la com delicadeza.

Quando chegaram a Covent Garden, a noite já caía. A rua estava escorregadia de chuva, as sarjetas cheias de poças que brilhavam sob a luz dos lampiões. Aquela área deveria estar repleta de lojas turísticas sofisticadas e bares, mas os prédios estavam decadentes, com tijolos lascados e tinta descascando. Grades de ferro fechavam as janelas.

Alguns cafés ainda estavam abertos. Passaram diante de um, um estouro de luz e barulho na escuridão: *Jacobine's Coffee Shop. O mais barato num raio de quilômetros.* Um homem saiu cambaleando, bêbado, e abriu as calças para urinar contra a parede.

— Ah, pelo... — Aaron pulou para a rua para evitar o filete que escorria até a sarjeta. — Isso é o cúmulo — resmungou. — Por que Covent Garden é tão imundo?

— Você está falando do território da minha família — disse Jamie com calma.

Aaron ergueu a cabeça, surpreso. Os traços de seu rosto bonito se transformaram em rara contrição. — Desculpe. Eu gosto da... — Pausou por alguns bons segundos. — Gosto da casa de ópera.

Alguém menos paciente poderia ter se ofendido, mas Jamie pareceu levemente divertido.

— Sempre gostei dos Jardins de Kensington — ofereceu em troca.

— Bem, não estão na mesma categoria, mas...

Nick pigarreou, interrompendo-o.

— Precisamos entrar.

Ele vinha alguns passos atrás, observando a rua, os prédios ao redor. Janelas. Portas. Entradas de becos.

O vento soprou, gélido ao atravessar o vestido ainda molhado de Joan.

— Você viu alguma coisa? — perguntou ela.

A rua agora estava vazia; o homem bêbado tinha voltado para dentro do café.

— Só tenho um pressentimento ruim — disse Nick. — Como se os guardas estivessem vindo.

Joan trocou um olhar com Ruth. A avó sempre lhes ensinara a confiar nos instintos.

— Estamos a poucos minutos da Estalagem Serpentine — tranquilizou-o Ruth. — Se... — Hesitou, mas Joan ouviu a parte não dita. *Se ainda estiver aqui.* O território dos Liu havia mudado, assim como Covent Garden. Era possível que a Serpentine já não existisse.

Quando viraram na Bow Street, porém, um imenso prédio de pedra surgiu no entardecer, com os dizeres *Estalagem Serpentine* entalhados na fachada. Ao redor das letras, cobras projetavam-se das beiradas como gárgulas, com as presas à mostra.

— Está maior nesta linha do tempo — disse Joan, maravilhada. Da última vez que estivera ali, a estalagem parecera tímida, escondida em um beco e cercada por altos muros. Agora, erguia-se em plena vista da rua.

— Quando foi que *você* esteve na Serpentine? — perguntou Ruth, soando como se fosse impossível imaginar um lugar mais suspeito.

— Eu e Aaron viemos aqui uma vez.

A cabeça de Aaron se voltou para ela, e o peito de Joan se contraiu com a estranha dor de se lembrar de coisas que os outros não recordavam. Ela e Aaron foram lá para fugir de Nick, quando este ainda era um matador de monstros.

Só Joan se lembrava daquela linha do tempo, mas continuava muito vívida para ela.

Aaron a havia levado até uma porta discreta em uma passagem estreita entre prédios. “*É a sua primeira vez em um lugar monstro?*”, ele havia perguntado. Sabia que ela estava com medo e tentara tranquilizá-la. “*Dragões não precisam temer outros dragões*”.

Outra rajada de vento veio, gelando Joan até os ossos. A estalagem era enorme agora, um andar mais alta que os prédios vizinhos. A mensagem não podia ser mais clara. Monstros não precisavam mais se esconder.



Joan entrou em uma nuvem de calor e fumaça de lenha. O piso de pedra estava salpicado de ervas, e o aroma de hortelã, tomilho e lavanda esmagados se erguia sob seus passos, misturando-se à fumaça.

O lugar estava abarrotado de mesas cheias de gente bebendo cerveja e comendo ensopado com grossas fatias de pão integral. Moedas e cartas se acumulavam ao lado de copos vazios, manchados de espuma.

Assim que Joan e os outros entraram, cabeças se viraram, expressões variando de hostis a predatórias.

— Bem, está ainda mais desagradável que o normal — resmungou Aaron, em voz baixa.

— Foi *você* quem teve a ideia de vir aqui — apontou Ruth.

— Porque na Serpentine ninguém faz perguntas.

— É, eles vão é nos assaltar, sem fazer pergunta nenhuma.

— Eles não vão nos assaltar — murmurou Nick.

Ele tinha sido o último a entrar e agora fechava a porta com um baque surdo, cortando a corrente de ar frio às costas de Joan. Ruth parecia duvidar, mas os clientes já se voltavam de novo para suas mesas; haviam avaliado Nick, com seus ombros largos e corpo musculoso, e decidido que não valeria a pena.

Joan soltou o ar. A atmosfera perigosa no ambiente não era a única diferença desde a última vez. A parede do fundo antes exibia um belo vitral, com criaturas marinhas míticas nadando em um oceano azul ondulante.

O vitral ainda estava lá, mas no lugar do tema marítimo havia uma caçada. Pessoas, armadas de arco e flecha, perseguiam cervos, javalis, lebres e leões. E... outras pessoas. Humanos?

Joan desviou o olhar apenas para encontrar uma placa afixada entre duas janelas, com um selo real impresso em cera vermelha.

POR ORDEM DE SUA MAJESTADE, A RAINHA ELEANOR

*Humanos estão confinados às suas residências: do pôr do sol ao nascer do sol
Exceto trabalhadores noturnos (devem apresentar permissão quando solicitada)*

Joan estremeceu. “*Somos irmãs.*” Eleanor lhe dissera isso na última vez em que se encontraram. “*Crescemos juntas na linha do tempo original.*” Joan não acreditara de início — não conseguia se lembrar de Eleanor nem de sua família.

Segundo Eleanor, Joan e Nick haviam tentado promover a paz entre humanos e monstros naquela linha original. Havia convencido os Graves a parar de tirar vidas humanas.

Quando o Rei descobriu, puniu toda a família, apagando-os da história. Apenas a linhagem de Joan e Eleanor sobrevivera. E Eleanor buscara vingança contra todos eles: o Rei, Joan, Nick...

“*Isso começou com vocês dois tentando a paz*”, Eleanor dissera a Joan. “*Então eu voltei um contra o outro. Eu o transformei em um matador porque você o amava e ele te amava. Porque, se ele matasse quem você mais amava, você nunca mais confiaria nele de novo. Porque, quando você lutasse de volta, ele a veria como o monstro que é. Ele nunca confiaria em você. E funcionou, não foi? Nunca mais sentirão o mesmo um pelo outro.*”

Joan sentiu uma presença às suas costas. Virou-se e encontrou Nick examinando o aviso, a boca em uma linha dura.

“*Funcionou, não foi?*” Eleanor os fizera esquecer um do outro; armara tudo para que se ferissem de novo e de novo. E, ainda assim...

O peito de Joan se contraiu dolorosamente. Bastava ele se aproximar, invadir seu espaço, e ela já era dele. Era uma condição terminal — agora sabia disso. Ia amá-lo assim até a morte.

— E se eu arrancasse aquele aviso da parede? — murmurou Nick.

— Você seria preso. Interrogado. Sua cabeça ia parar numa estaca. — Joan se surpreendeu com a firmeza da própria voz.

— Quase valeria a pena.

Joan fechou os olhos por um instante. Sentia tanta falta dele. Ele estava ali, bem na sua frente, falando com ela, mas a facilidade com que costumavam lidar um com o outro fazia falta.

— Temos de reservar o quarto.

Nick tocou o braço dela, e seu calor era como a luz do sol.

— Precisamos de comida — concordou. — E de roupas secas.

Ele pareceu perceber que ainda a tocava e logo levou as mãos para trás.

— Desde quando a Serpentine tem tantos funcionários? — perguntou Aaron, enquanto se dirigiam ao balcão de recepção, um nicho no canto do salão.

Joan não sabia explicar por quê, mas a pergunta fez um desconforto percorrer seu corpo. Havia funcionários por toda parte, recolhendo bandejas, polindo talheres. Um homem estava de joelhos, lustrando o pé em forma de garra de uma mesa vazia. Todos vestiam o mesmo uniforme: uma túnica bem branca, presa por um cinto, com o desenho de uma serpente negra na frente.

— Eles são todos humanos — disse Aaron.

O estômago de Joan se revirou. Uma imagem lhe veio à mente: seu pai no lugar daquele homem de joelhos, naquela túnica branca. “*Não pense nisso*”, disse a si mesma. Mas sua mente já avançava, lançando perguntas insuportáveis. Onde estava seu pai naquele momento? Onde estava o resto de seus amigos e familiares? Estariam sequer vivos ali?

No balcão, o recepcionista alisava a nuca em um gesto nervoso e habitual. Tinha a altura de Joan, com cabelos de cobre queimado que a lembravam, de forma perturbadora, do homem que correra na ponte. Um broche na lapela exibia seu nome: *Ronan*. Ele se dirigiu a Aaron.

— Senhor. Como posso ajudá-lo? — falou, o olhar baixo deixando Joan inquieta.

Aaron retirou um broche em forma de lágrima negra, com o número 50 gravado no verso. Era um passe de viagem, um objeto imbuído de cinquenta anos de vida humana.

— Queremos uma suíte — disse Aaron. — Bem afastada. Sem serviço de limpeza. Sem interrupções.

— Muito bem, senhor. — Ronan não se abalou ao receber o broche, mas Joan, sim. Ver um humano ser obrigado a aceitar aquilo... Ver sua falta de reação, como se fosse parte da rotina...

— Vou precisar das identidades de todos vocês — acrescentou Ronan.

Aaron produziu outro broche, desta vez um camafeu com o perfil de uma mulher. No verso, o mesmo número 50. Ronan mal hesitou.

— Com licença, vou buscar a chave.

Assim que ele entrou na sala dos fundos, fora do alcance da voz, Nick rosou para Aaron:

— Quantos desses você tem?

— Alguns.

— Você anda por aí carregando anos de vida humana?

Joan achou que Aaron poderia se intimidar, e talvez tenha se intimidado, mas apenas lançou um olhar de desdém em resposta.

— Não temos outra forma de pagar. Se preferir tentar furtar algum daqueles bêbados na sala de jantar, fique à vontade...

Algo chamou a atenção de Joan. Havia uma fotografia na parede atrás do balcão, a imagem de um homem. À primeira vista, parecia uma obra de arte estranha e perturbadora; o homem tinha os olhos arregalados de terror. Então Joan percebeu as palavras acima da foto: *William Beates. Monstro. Executado por roubo.*

Os pelos da nuca dela se eriçaram ao registrar toda a parede pela primeira vez. Estava coberta de cartazes, uns sobre os outros, como papel de parede. Avisos de procurados. Anúncios de execuções. Tantos que era impossível absorver todos.

— Joan. — Havia uma nota estranha na voz de Ruth. Ela indicou algo no alto da parede.

Um dos cartazes mostrava a ilustração de uma jovem de olhos estreitos e maçãs do rosto salpicadas de sardas. Lábios em formato de arco. Um choque percorreu Joan. Era ela no desenho. Estava olhando para si mesma.

Joan Chang-Hunt, dizia o aviso. *Humana. Procurada por alta traição contra a Rainha e a Corte.*

Nick soltou um suspiro brusco. Ele também havia visto. Ao lado dele, Aaron ficara completamente imóvel.

O coração de Joan disparou. Quando atravessaram a ponte sem serem capturados, ela se perguntara se Eleanor estaria realmente à procura deles. Pois aí estava a resposta.

Será que os outros também estavam naquela parede? Será que alguém havia sido reconhecido? Ela olhou por cima do ombro, encontrando os olhos duros de um homem de barba grossa e de uma mulher de coque bem puxado.

O som de passos sobressaltou-a. Virou-se bem a tempo de ver Ronan voltar da sala dos fundos.

— Coloquei vocês no edifício Ravencroft — disse ele, empurrando um envelope de papelão dobrado sobre o balcão. — Sua chave.

— Obrigada — Joan conseguiu dizer.

Guardou o envelope no bolso. Ao fazê-lo, percebeu uma expressão estranha no rosto de Ronan. Por um instante, o sorriso submisso desapareceu, substituído por um franzir de cenho.

Será que ele a havia reconhecido?

Amostra



TRÊS



Eles apressaram o passo pela porta dos fundos, saindo em uma viela estreita ladeada, de um lado, por lojas escuras e, do outro, pela parede traseira do bar.

Uma placa indicando *Mercado Ravencroft* apontava para o norte. Da última vez, a Estalagem Serpentine lembrava uma estalagem da Corte — um complexo de alojamentos e comércio. Parecia ser o caso também naquela linha do tempo.

Joan seguiu a placa, caminhando rápido. Porém, tudo o que conseguia ver era o rosto do recepcionista, o leve franzir de cenho.

— Você acha que o recepcionista me reconheceu pelo cartaz? — perguntou.

— Merda — sibilou Aaron, parando de repente. Em dois passos largos, já estava junto à parede do bar, arrancando algo dos tijolos. Joan vislumbrou o próprio rosto antes de Aaron amassar o papel com violência e enfiá-lo no bolso.

Ela prendeu a respiração. Havia mais cartazes espalhados pela parede dos fundos do bar. Estranhos a encaravam: aterrorizados, furiosos, suplicantes. *Procurado por... Executado por...*

— Aquele retrato nem parecia tanto com você — disse Jamie a Joan, em tom tranquilizador.

Talvez ele tivesse razão. Havia algo de errado na ilustração, como se o artista a tivesse desenhado a partir do relato de outra pessoa.

— Deviam ter contratado um Liu — disse ela, e Jamie arqueou a boca em um quase sorriso. *Ele* teria feito uma versão fotorrealista.

— Erraram nos seus olhos — concordou Aaron, com seriedade. — E sua boca é mais...

Joan esperou que ele elaborasse, mas ele não o fez.

— Mais o quê? — perguntou.

Para sua surpresa, ele corou um pouco na escuridão.

— Parece o bastante com você — disse Nick, em tom tenso.



Do lado de fora, o Mercado Ravencroft parecia exatamente como na linha do tempo anterior: sobre um arco grandioso, o nome estava entalhado em pedra, cercado por pássaros e folhas em espiral.

Na entrada, um mapa, gravado em uma placa de metal, mostrava a estrutura interna do edifício. Tinha o formato de uma roda, com um centro do qual corredores se projetavam como raios. Os corredores pareciam ser de alojamentos, e o círculo central, um mercado coberto.

Joan retirou do bolso o envelope de papelão com a chave do quarto. O recepcionista, Ronan, havia escrito na frente: *Corredor 1, Quarto 14*.

Assim que entraram, o piso mudou de pedra para um mosaico em preto e branco de corvos, cercados por espirais emplumadas. Um número 1 dentro de um círculo aparecia em intervalos entre as aves. Devia ser a marcação do corredor, pensou Joan.

Era um corredor longo, que terminava em um vasto espaço circular, coberto por uma grande cúpula. Corvos negros decoravam o vidro. À noite, tinha um ar soturno, mas de dia devia ser magnífico: lembrava, talvez, a Sala de Leitura do Museu Britânico.

— Nosso quarto deve ser ali em cima — disse Nick, indicando mezaninos com balcões no andar superior. Ele examinou as portas numeradas ao longo dos mezaninos. — Estão organizadas como uma rua de casas. Números ímpares à esquerda; pares à direita.

Encontraram uma escada de ferro forjado em espiral e subiram depressa.

— Quarto quatorze... — murmurou Aaron, quando chegaram ao andar superior.

Um estrondo de vozes vindo de baixo os fez recuar contra a parede. Meia dúzia de pessoas atravessava o corredor em direção ao mercado, rindo alto, com gargalhadas bêbadas e agudas. A maioria tinha tatuagens nas mãos e braços: grifos e ulmeiros.

— Achei que os Griffith e os Argent fossem inimigos — sussurrou Joan.

— São — murmurou Ruth. — Odeiam-se ainda mais do que os Oliver e os Hunt.

— É porque os Argent são treinados para resistir ao poder dos Griffith — disse Jamie. — São praticamente imunes.

Uma das garotas Argent empurrou de brincadeira um garoto Griffith, fazendo-o rir.

— Isso é um crime contra a natureza — comentou Ruth, fazendo uma careta.

— As alianças devem ter mudado — sussurrou Joan. Um pensamento lhe ocorreu. — E se os Oliver e os Hunt se derem bem nesta linha do tempo? E se formos aliados aqui?

Por um segundo, Ruth e Aaron exibiram expressões idênticas de horror. Aaron foi o primeiro a romper o silêncio.

— Acho que este mundo já é ruim o bastante sem criarmos cenários ainda piores — falou, severo. E então, aparentemente para evitar mais especulações, marchou pelo corredor em direção ao quarto.

Joan começou a segui-lo, mas hesitou, pensando novamente na expressão do recepcionista. Será que ele a havia reconhecido? Em vez de seguir Aaron, foi até a porta do quarto 2 e bateu.

— Serviço de limpeza! — chamou.

“O que você está fazendo?”, Aaron articulou com os lábios do outro lado do corredor. Joan encostou o ouvido à porta. Nenhum som. Bateu de novo.

— Serviço de limpeza!

Ruth se aproximou, desenrolando seu estojo de gazuas feito de couro macio. Em poucos segundos, havia destrancado a porta.

— Esse é o quarto de outra pessoa! — sussurrou Aaron, correndo até elas.

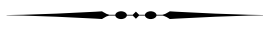
— Ele é sempre assim? — perguntou Ruth a Joan.

Aaron *sempre* fora assim. Tinha enlouquecido Joan quando se conheceram, mas agora ela já não ligava para sua voz cautelosa. Era um bom lembrete de que precisavam ser cuidadosos, vigilantes.

— Acho que aqui será mais seguro — sussurrou Joan para ele. — Se o recepcionista mandar guardas, vamos ouvi-los batendo à outra porta. Teremos a chance de sair.

A boca de Aaron se abriu para retrucar, mas ele apenas suspirou.

— Tudo bem.



Joan abriu a porta com cuidado. O quarto estava escuro e cheirava a poeira. Entrou cautelosamente, e os outros a seguiram.

Quando todos já estavam dentro, ela fechou os ferrolhos e soltou o ar. Não se sentia segura — parecia mais um animal que encontrara um esconderijo temporário, cercado de predadores por todos os lados.

Nick encontrou um interruptor, iluminando uma sala de estar e um corredor curto que provavelmente levava a um quarto e a um banheiro.

Aaron cutucou com o pé uma árvore prateada bordada no luxuoso tapete preto. — Parece que um Argent mora aqui.

— Um Argent meio... — Joan olhou ao redor — gótico.

O papel de parede tinha textura luxuosa, com ilustrações escuras de plantas carnívoras pintadas. Cabeças de animais empalhadas a fitavam com olhos de vidro: um corvo, um urso-negro, um lobo. Uma parede inteira exibia a pintura de um homem de rosto pálido e barba preta terminando em ponta afilada. Suas roupas eram do século XVI: um enorme colarinho rendado e um ousado chapéu emplumado.

— Você acha que é o dono? — perguntou.

Ruth imitou a pose do homem sob o retrato, mãos na cintura, cabeça inclinada.

— O que é mais esquisito? Sentar-se num apartamento com um retrato gigante de si mesmo ou conviver com a cabeça de um urso na parede?

— Não há nada de errado em ter troféus na parede — disse Aaron. — E uma pintura a óleo de um antepassado. — Avaliou a sala com olhar crítico. — Sabe, eu não desgosto. A pintura sobre o papel de parede é um pouco exagerada. Mas, no geral...

Ruth fez uma careta para Joan, que abriu as mãos em resposta. Tanto o quadro quanto as cabeças empalhadas a deixavam arrepiada. Na maioria das vezes, ela entendia o gosto de Aaron, mas não naquele caso.

Além da sala de estar gótica, havia uma cozinha americana, azulejada de preto para combinar com a estética. Jamie abriu a geladeira.

— Vazia — disse.

No bolso do casaco, Frankie ainda dormia, a cabeça apoiada no ombro dele; Jamie acariciava-lhe a testa peluda com o polegar.

Sobre o balcão da cozinha havia uma lixeira vazia.

— Quem mora aqui não volta faz tempo — disse Joan.

Nick havia sumido para verificar os outros cômodos. Reapareceu então.

— Não tem ninguém — confirmou. — O quarto tem uma janela de fuga. Não tenho certeza sobre outras saídas. — Olhou para a cabeça de lobo, com a boca curvada para baixo.

— Apaga a luz um instante? — pediu Joan, caminhando até as janelas com cortinas da sala de estar. Estava quase certa de que aquele cômodo dava para a rua principal, e não queria que as luzes denunciassem sua presença ali.

Ruth apertou o interruptor, e a escuridão cobriu o ambiente. Havia uma porta de correr. Joan encontrou a trava e saiu para uma varanda cercada por muros altos.

Do lado de fora, o ar estava úmido e o frio grudava em seus pulmões. Joan se ergueu nas pontas dos pés para espiar por cima do parapeito. A rua estava surpreendentemente próxima. Não seria uma descida fácil, mas também não era uma altura de quebrar o pescoço. Voltou para dentro, fechando a porta e puxando as cortinas atrás de si.

— Tem uma varanda — falou. — Então temos algumas saídas caso alguém invada. — Esfregou as mãos no rosto, cansada.

— Certo — disse Nick. — Estamos numa Londres distópica, mas pelo menos temos um teto sobre a cabeça. E agora?

Eles precisavam consertar aquela linha do tempo. Precisavam encontrar Eleanor e detê-la. Mas, antes de qualquer coisa, havia necessidades urgentes.

— Precisamos de comida — lembrou Joan, com o rosto entre as mãos. — E de roupas mais quentes.

Todos ainda estavam encharcados da chuva.

— Se vamos nos instalar aqui, precisamos de dinheiro — disse Ruth. — O Príncipe Engomadinho logo vai ficar sem passes de viagem.

— Vamos ver o que conseguimos achar neste apartamento — sugeriu Joan. — Dinheiro. Qualquer coisa que dê para vender ou trocar no mercado lá embaixo. Nada marcante ou memorável.

— Então agora somos ladrões, além de invasores — disse Aaron. — Vou fingir que você não me chamou disso — acrescentou para Ruth.



Eles se espalharam pelo apartamento, fazendo uma busca rápida por dinheiro e itens vendáveis.

— Quantos passes você ainda tem? — perguntou Ruth a Aaron, enquanto sacudia as almofadas do sofá e empurrava os móveis em busca de moedas.

— Três — disse Aaron. — Cento e cinquenta anos.

Joan vinha lutando com uma gaveta emperrada sob a pintura a óleo, e então prendeu o dedo na parte de baixo ao conseguir abri-la. Ela sacudiu o dedo dolorido, desejando poder se livrar do tom despreocupado de Aaron da mesma forma. Ele carregava 150 anos de vida humana no bolso e falava daquilo como se fosse troco.

Nick também ouvira; estava vasculhando a cozinha, mas agora parara.

— Não quero usar os outros passes — soltou Joan. As palavras soaram altas demais no pequeno cômodo. Nem sequer pretendia dizer aquilo; simplesmente escapou.

E então todos pararam. Por um instante, a dinâmica pareceu mudar entre eles, de cinco pessoas no quarto para três monstros e dois humanos.

Então Aaron disse:

— Tudo bem.

Joan piscou, um pouco surpresa.

— Tudo bem? — perguntou.

Esperava que ele discutisse, que dissesse: “É um desperdício não usar. O tempo já foi tomado. Você está sendo irracional. Ao menos deveríamos votar.”

Mas ele ergueu o olhar, os olhos cinzentos sérios.

— Quer que eu entregue para você?

Joan não queria tocar naquilo.

— Não.

— Tudo bem — concordou Aaron de novo, como se fosse razoável. Não era, ela sabia.

— Certo — disse Ruth, lentamente. Olhou de Joan para Aaron, como se tivesse percebido algo que a prima não tinha.

Joan se sentiu desequilibrada, apesar de Aaron ter concordado facilmente. Concentrou-se na gaveta recém-aberta.

Encontrou um pequeno esconderijo de moedas e cédulas com o perfil de Eleanor, coroada de rosas. Devia ser a moeda oficial. Guardou-as no bolso e continuou revirando, até sentir algo duro no fundo da gaveta.

— O que é isso? — perguntou.

Retirara um objeto parecido com um dominó, amarelado e pesado. Teria sido talhado em osso? Havia uma data em um dos lados, *13 de abril*, e uma letra, *V*. Ao virá-lo, encontrou a imagem gravada de um estádio que lembrava o Coliseu de Roma.

Jamie se aproximou para olhar.

— É um ingresso antigo para a arena. Não vale nada. — Apontou para um risco arranhado sobre a imagem do estádio. — Já foi usado.

— Arena? — repetiu Joan. Os homens enjaulados na ponte lhe vieram à mente. — *Damnatio ad gladium* — disse, devagar. — *Damnatio ad bestias*.

As palavras lhe eram familiares... Já as ouvira antes, nas aulas de história.

— Condenação à espada e condenação às feras — explicou Jamie. — Eram punições da Roma Antiga. Criminosos eram forçados a lutar contra gladiadores. E depois dessas batalhas, os prisioneiros de menor valor eram atirados na arena com leões e ursos.

Joan largou o ingresso de osso de volta na gaveta. Eleanor trouxera de volta os espetáculos medievais de cabeças em estacas e, agora, ao que parecia, também o coliseu de Londínio. Mais crueldades antigas.

Jamie tirou um livro da prateleira acima da gaveta. *História da Coroa: Volume 1*. Folheou as páginas, passando menos de um segundo em cada uma, até sua expressão se tornar grave.

— É uma história oficial — disse a Joan. — Expõe algumas leis básicas.

— Que tipo de leis? — perguntou ela, quase com medo da resposta.

A boca de Jamie se torceu. Ele recitou o que devia ser um trecho do livro:

— Cada humano deve ceder cinquenta anos, ou a vida inteira, se for menor, à família de monstros em cujo território nasceu. Esse tempo pode assumir a forma de vida

ou de trabalho, ou de uma combinação de ambos. Em troca, os humanos receberão moradia no território da família, um salário e, se aplicável, uma pensão. As famílias podem educar ou treinar qualquer humano em seu território, a seu critério, e podem designar certos humanos de alto valor como “apenas serviço” ou “principalmente serviço”. Os humanos devem exibir, o tempo todo, dois números: a quantidade de vida que ainda lhes resta, em anos, meses e dias, e a quantidade de tempo que ainda pertence à família.

Era demais. As jaulas, as cabeças nas ameias, o toque de recolher, o homem espancado na ponte... Os pensamentos de Joan rodopiavam em uma confusão nauseante de medo, culpa e raiva. Aquele mundo existia por causa dela.

Por um longo momento, não conseguiu falar.

— Não podemos deixar este mundo continuar — conseguiu dizer. — Temos que consertar a linha do tempo.

— Como? — perguntou Jamie.

Joan olhou para ele. Não era óbvio?

— Precisamos matar Eleanor, como Nick matou o Rei. — Apesar de tudo, as palavras soaram erradas em sua boca. Eleanor era sua irmã. Joan podia não se lembrar dela, mas era seu próprio sangue.

Não via, porém, outra saída. Eleanor moldara Nick em um ponto frágil da linha do tempo, um lugar onde a história podia ser alterada, para que ele pudesse matar o Rei. Certamente isso significava que ele também poderia matar Eleanor, o que deveria *lhes* dar o controle da linha.

Os olhos escuros de Jamie eram gentis.

— Não acho que vá ser tão simples.

Joan baixou o olhar para o tapete bordado com o símbolo do ulmeiro dos Argent. Suspeitava de que Jamie tinha razão. Eleanor era inteligente e jogava a longo prazo. Passara anos planejando o assassinato do Rei. Com certeza tinha gastado o mesmo tempo descobrindo como se proteger.

Então Joan viu Nick. Ele estava parado na cozinha, as duas mãos apoiadas no balcão, a expressão doente de culpa.

Joan se afastou da parede, incapaz de suportar o sofrimento no rosto dele.

— Vou ver se encontro algo no quarto que possamos vender — conseguiu dizer.

O carpete negro do corredor era tão macio que seus passos não faziam som algum. Ela tentou acalmar a mente, mas só conseguia ver Nick. Desde que haviam chegado, ele mal conseguira encará-la. “*Eu voltei um contra o outro*”, Eleanor dissera. “*Funcionou, não foi?*”

Joan engoliu o nó na garganta. *Objetos de valor*, disse a si mesma com firmeza. Precisava se concentrar nisso.

O quarto no fim do corredor estava muito escuro. Encontrou o interruptor e piscou quando se acenderam não as luzes de teto, mas lâmpadas fracas nas paredes. O brilho era suave, como luz de velas.

De frente para a cama, havia um closet, quase do tamanho do resto do quarto. As roupas ali pareciam pertencer a um homem, talvez o retratado na sala de estar.

Joan inspecionou camisas e gibões do século XVI, procurando alfinetes de gravata, abotoaduras, pérolas bordadas, botões dourados, qualquer coisa que desse para vender. Não encontrou nada. Ao se virar, porém, surpreendeu-se ao ver um feixe de luz, como um raio de sol, no meio do closet. Estava em um ângulo quase horizontal, com partículas de poeira flutuando dentro dele.

Não estava ali quando Joan entrou... Ela olhou para a janela, meio esperando ver uma fresta nas cortinas por onde entrava a luz do dia. Mas lá fora era noite, e as cortinas estavam firmemente fechadas.

Então alguém disse seu nome, baixo e claro, como se estivesse bem ao seu lado.

— Joan?

Joan se sobressaltou, procurando a fonte, mas não havia ninguém ali. E então reconheceu. Era a voz da sua avó.

— Vó? — perguntou, incerta.

Como ela poderia estar ali, em um closet vazio, em um quarto vazio?

Enquanto pensava nisso, houve uma espécie de solavanco, e a iluminação do quarto diminuiu, como se alguém tivesse girado um botão.

“O quê...”, tentou dizer. Mas, para seu horror, não conseguiu falar. Nem sequer sentia o ar nos pulmões.

Um ruído soou perto, e a voz de sua avó veio novamente da escuridão ao lado dela.

— Joan, você consegue me ouvir?

“Vó”, tentou responder. Mas não conseguia se mover.

O pânico explodiu quando percebeu que estava em um lapso de distanciamento completo.

Na primeira vez que isso aconteceu, Aaron estivera presente. “*Você quase morreu*”, ele dissera, horrorizado. “*Você tentou viajar sem pegar tempo antes. Saltou e depois tentou saltar de novo. Não sabia como pisar no freio.*”

Desde então, Joan vinha despertando em meio a lapsos quase todas as manhãs. Tentou se acalmar e se concentrar nos detalhes sensoriais, como Aaron lhe ensinara. Se conseguisse recuperar os sentidos, estaria de volta ao presente. Conseguiria respirar. Estaria segura.

Quais detalhes havia? Ela se virara um pouco ao ouvir a voz de sua avó e agora estava congelada naquela posição. Seu campo de visão mostrava apenas as grossas cortinas de veludo do outro lado do quarto. Dali, eram apenas formas e sombras, nada específico o bastante para ancorá-la.

O pânico fervilhava. Não conseguia mover os olhos. Nem mesmo piscar.

A voz de sua avó voltou, filtrando-se pela névoa do pânico.

— Joan, seu tempo está acabando. Precisa deter Eleanor antes que seja tarde demais. Há pessoas que podem ajudá-la. Você deve encontrá-las. Vai reconhecê-las pela marca do lobo.

A avó não estava ali. Joan *queria* que estivesse, mas aquilo só podia ser uma alucinação causada pela falta de oxigênio. Não via o peito se mover pelo canto dos olhos. Quanto tempo podia sobreviver sem respirar? Quanto tempo já havia passado? Um minuto? Dois?

Respire, disse a si mesma, apavorada. Mas não conseguia. Não tinha nada a que se agarrar. Nada que a ancorasse. Ia morrer ali, sozinha no escuro.

E, de repente, Aaron estava lá.

Ele a puxou contra si, e talvez o movimento tenha ajudado, porque os pulmões de Joan inflaram. Ela arfou como se estivesse se afogando e ele houvesse acabado de arrastá-la para fora do oceano. Agarrou-se desesperada à lapela do paletó dele, uma parte de si consciente de que estava amassando o tecido, esticando-o. Ele detestaria aquilo. Mas não conseguia soltar. Seu corpo inteiro tremia.

Aaron a puxou ainda mais para perto. Seus lábios se moviam em silêncio, os traços bonitos do rosto vincados de preocupação. “*Não me deixe*”, ele parecia dizer. “*Fique comigo*.” E talvez: “*Por favor. Eu acabei de encontrar você*.”

Havia pressão e calor na cintura de Joan. Ela podia sentir de novo. Concentrou-se no rosto dele, na força de seu aperto. “*Não me solte*”, queria dizer. “*Por favor*.” O toque dele era a única coisa que a mantinha inteira, tinha certeza disso. Se a largasse, ela se distanciaria de novo e nunca voltaria.

Ele não a soltou. Nem sequer pareceu notar o paletó amarrotado sob os punhos dela. Joan inspirava e expirava, até que *finalmente* ouviu a voz dele.

— Fique aqui — sussurrou, com os lábios encostados em sua têmpora. — Fique neste quarto comigo.

Joan testou a voz.

— Estou aqui. — Saiu como um sussurro rouco.

— *Porra*. — Aaron fechou os olhos, as mãos apertando ainda mais sua cintura.

Joan podia sentir os dedos dele flexionados contra o tecido do vestido. Podia ver. Podia ouvir. Estava de volta ao presente.